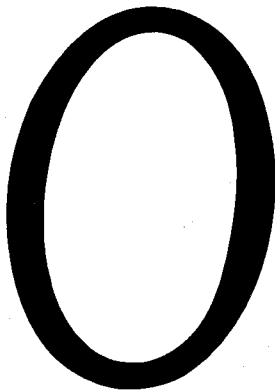


O NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO E A PRÁTICA DOS AGENTES DE PASTORAL NEGROS

Vera Regina Santos Triumpho da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul e dos Agentes de Pastoral Negros/RS



O objetivo da reflexão deste trabalho é analisar a nossa presença negra nos livros didáticos e como nós, Agentes de Pastoral Negros¹, estamos agindo para que haja uma modificação no quadro que se apresenta. O problema racial no Brasil é sempre velado, mas ele está aí, óbvio... Não adianta querer nos convencer de que não há problema racial em nosso país. A prática que prevalece mostra o contrário. Nós negros, marginalizados em

todas as áreas da sociedade brasileira, desde a religião até a política, somos também discriminados na área educacional. Tomemos apenas como exemplo os livros didáticos de diferentes matérias como Comunicação e Expressão, Matemática, História, Educação Moral e Cívica e, também, os manuais de Catequese.

Os livros didáticos são o principal instrumento de aprendizagem do alunado brasileiro no ensino formal. Assim, o seu conteúdo atinge, embora de modo diferente, tanto aos alunos negros como aos alunos brancos, reforçando a imagem de que nós, negros,

somos seres humanos menores e os brancos são superiores.

Trazemos a seguir alguns exemplos do que pode ser encontrado em livros didáticos. A análise que procedemos faz parte da busca de maior respeitabilidade para com nossa comunidade negra, nossa cultura, nossa história, nossos valores, nossos costumes e, conseqüentemente, nossa maneira de ser negro brasileiro.

Começamos, então, pela história brasileira. Que livro didático mostra os quilombos como uma organização política, social e econômica, primeira experiência socialista realizada no Brasil? Que livro didático valoriza, no período do Brasil-Colônia, a magnífica obra realizada pelo braço negro nas cidades históricas? Que livro didático salienta que Ouro Preto, considerada pela UNESCO Patrimônio Histórico Mundial, conquistou este título graças à participação de negros e mestiços na gigantesca obra artística que ali ficou? Que livro didático apresenta as religiões africanas como as únicas que aqui chegaram no período colonial e não foram coniventes com a escravidão? Que livro didático analisa a realidade do escravo libertado que, por falta de terras, não pode permanecer trabalhando na agricultura e foi obrigado a migrar para a vida urbana e aí viver de forma desumana, nos cortiços, desempregado, marginalizado? Que livro didático leva o leitor a compreender que a divisão entre as classes sociais em nosso país sempre foi profunda e que a cor negra da pele rotula como incompetentes, preguiçosos homens e mulheres negros, acentua a divisão, fazendo com que os problemas de classe se confundam com os problemas de cor? Onde estão os nossos heróis negros? Onde estão as nossas mulheres negras, as verdadeiras heroínas que garantiram a sobrevivência da família negra, após a Abolição?

A marginalização de nossa comunidade negra na sociedade não é vista, até hoje, como conseqüência de um processo histórico e, sim, tendo nossa própria raça negra como causa dessa situação. Nós negros, somos considerados malandros, preguiçosos, com pouca inteligência, pobres e infelizes...

Essa negatividade contra nós, negros, foi e ainda está sendo transposta para os livros didáticos, justamente por ser o pensamento da sociedade dominante.

Se os textos nem sempre revelam explicitamente este modo como, nós, negros, somos vistos, as ilustrações, por outro lado, não deixam margem a dúvidas. Por exemplo, uma figura representando um grupo de crianças resolvendo um problema de matemática: as crianças brancas têm os olhos vivos de quem sabe como fazer, enquanto que a negrinha é

1 Os Agentes de Pastoral Negros são pessoas engajadas na comunidade negra que lutam contra toda forma de racismo. A partir de sua própria identidade de fé, os Agentes de Pastoral Negros unem-se a todas as instituições e movimentos que lutam pela mesma causa, empenhando-se em colaborar para a unidade da comunidade negra, sem nenhuma preocupação de fazer adeptos de fé.

apresentada com um enorme ponto de interrogação sobre a cabeça. Um outro exemplo: quando orientam sobre hábitos de higiene, os livros representam a criança negra como suja, necessitando tomar banho. Quando se trata de profissões, nós, negros, aparecemos desempenhando atividades consideradas inferiores pela sociedade capitalista: gari, estivador, empregada doméstica, motorista...

De um modo geral, observando as gravuras em que aparecem personagens negros, estes estão colocados nos cantos, afastados do grupo ali representado, quase sempre uma pessoa tímida e pobre, quando não, assaltante.

Outro fato que nos chama a atenção é que as famílias nos livros didáticos poucas vezes apresentam a vida, os costumes e valores de grupo de trabalhadores. São raríssima as vezes em que a família negra aparece e quando aparece é pobre; tímida e com a fisionomia infeliz.

Como se vê, os livros didáticos são instrumentos de conscientização de inferioridade de nossa raça negra.

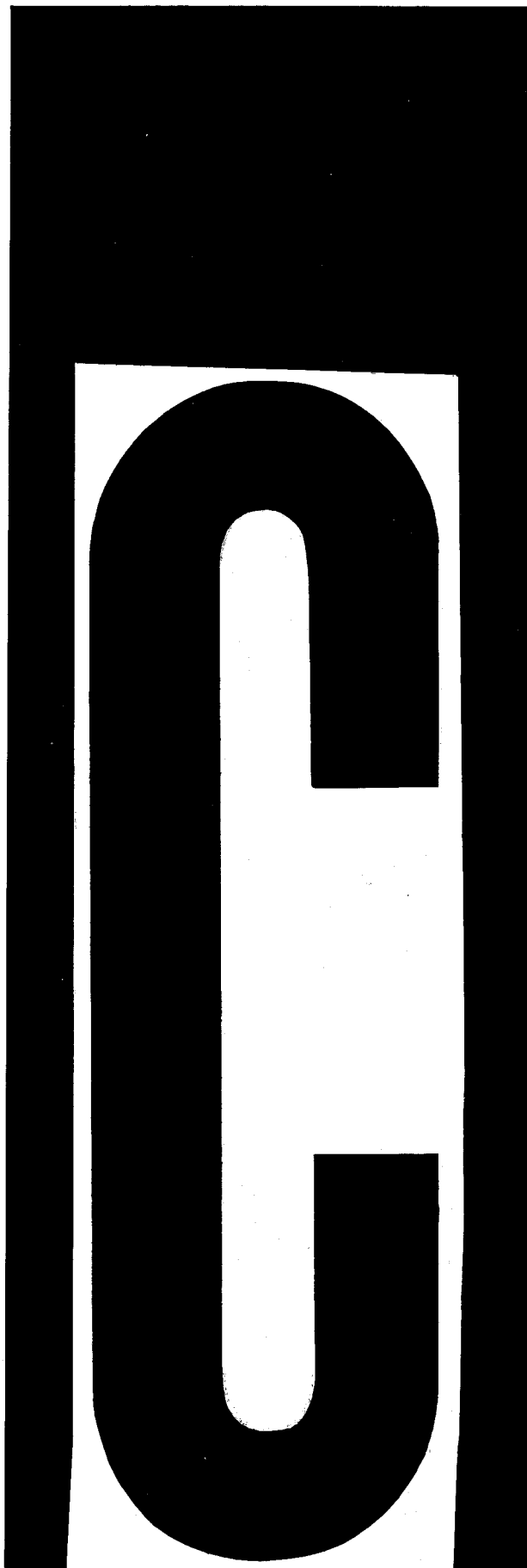
A sociedade dominante, através dos livros didáticos, pretende perpetuar mitos e estereótipos de que nós, negros, somos incapazes, somos algo negativo, que não presta, que só faz o mal. Ser negro é feio. Branco é que é bonito. Branco é que é capaz. Branco é o que pode chegar a "ser" nesta sociedade. Então, é o branco que aparece como doutor, general, comerciante, dentista e até professor, mesmo sendo uma profissão mal remunerada, pois é uma profissão que se conquista através de bancos escolares. Então, nós, negros, também não aparecemos como professores.

Em novembro do ano passado, recebemos a visita de uma catequista negra de Soweto, África do Sul. Ao observar nossa presença negra nos livros didáticos, ela nos disse que não há diferença em relação às ilustrações de seu país, só que, na África do Sul, eles escrevem abertamente qual é o lugar do negro na sociedade.

Os manuais de catequese foram também analisados, visto que nosso trabalho é mais voltado para refletir o nosso espaço nas Igrejas.

Esses manuais não têm fugido à regra. Quando orientam as crianças para serem honestas e não se tornarem ladrões, maus elementos na sociedade, a figura ilustrativa, geralmente, apresenta uma criança negra como pivete...

Discriminam muito nosso povo negro, porque quando dizem que uma pessoa está em estado de pecado é porque está com a alma negra, com o coração negro. Isto leva a criança a ir introjetando em sua mente que ser negro é estar em estado de pecado, é ser ruim, é algo muito feio... "Nossos manuais de catequese chegam a apresentar a criança negra em estado degradante, onde as crianças brancas perguntam se o negrinho é também filho de Deus" (Rodrigues, 1984, p. 4).



Como se sentem nossas crianças negras ao participarem de um curso de catequese, onde elas são apresentadas às outras crianças como o mal encarnado?

Até quando os que têm poder de decisão irão continuar indiferentes aos materiais didáticos publicados, inclusive, por editoras de orientação católica? E o que nós, Agentes de Pastoral Negros, estamos fazendo para modificar esta situação, este quadro?

Em abril de 1984, realizamos o III Encontro de Agentes de Pastoral Negros, na cidade de São Paulo. Havíamos refletido sobre nossa presença nos livros didáticos. Convidamos, então, algumas editoras para participarem do painel sobre "O Negro e a Educação". A discussão foi polêmica. Entretanto, hoje em dia, essas editoras já modificaram parcialmente sua postura e, às vezes, até solicitam nossa assessoria para uma análise crítica do que será editado.

Em nossos encontros, tanto a nível nacional como a nível regional, refletimos muito sobre nossa presença nos livros didáticos. Quase sempre, após esses encontros, temos enviado cartas às editoras protestando sobre o quadro com o qual nos deparamos.

Temos mais de quarenta representantes regionais nesta nossa caminhada, enquanto Agentes de Pastoral Negros, espalhados por todo o território brasileiro. Em cada Regional há vários núcleos e em todos os núcleos estamos refletindo com nossos irmãos negros da base da sociedade, sobre este problema que enfrentamos nos livros didáticos, tanto no que diz respeito a nossa representação no texto e nas ilustrações, bem como quanto a nossa presença na história do povo brasileiro.

Estamos, também, elaborando nossas cartilhas para contar ao nosso povo negro e sofrido que pertencemos a uma raça que tem valor como qualquer outra raça da sociedade brasileira e que temos uma história. Uma história que sempre foi escamoteada pela sociedade dominante. Uma história que o dominador apresenta nos livros oficiais como se fosse uma história "enferrujada". Mas, nós, Agentes de Pastoral Negros, estamos fazendo nosso povo negro e marginalizado descobrir que nossa história é uma história de libertação. Porque é a história de um povo oprimido que muito lutou contra o sistema opressor.

Nós, negros, temos que ocupar nosso espaço, mostrando nossa história com o brilho que ela merece e nossas interrogações devem ser respondidas através de uma educação crítica, de uma educação libertadora.

Educação crítica? Educação libertadora? Seria, por exemplo, fazer com que todos os negros de nosso país descobrissem que a Abolição da Escravatura foi uma revolução do branco, pelo branco e para o branco e nunca em benefício de nosso povo negro.

Seria, também, fazer com que nossa comunidade negra descobrisse que com a Abolição mudamos de moradia: saímos da senzala e caímos na favela.

Seria, por exemplo, uma educação que alertasse que nós, negros, não somos uma raça inferior, porque nosso país está com 480 anos, dos quais, 380 fo-

ram construídos quase que unicamente com o suor e com o sangue de nossa raça negra.

Educação crítica? Educação libertadora?

Seria aquela em que nossa comunidade negra pudesse recuperar seu passado histórico, conhecendo seus heróis e suas lutas e, conseqüentemente, descobrindo que é descendente de um povo que sempre teve dignidade.

Segundo Paulo Freire, "não há transição que não implique um ponto de partida, um processo e um ponto de chegada. Todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje. De modo que nosso futuro baseia-se no passado e se corporifica no presente. Temos de saber o que fomos e o que somos, para saber o que seremos" (Freire, 1979).

Essas são algumas das atividades que estão sendo gestadas na base, por nós, Agentes de Pastoral Negros. São atividades importantes que devem começar a ser vivenciadas já com relação à nossa comunidade negra, no sentido de um testemunho diferente, na busca de algo que não está aí, mas que deveria estar e que não estará amanhã se não se começar hoje. É preciso que haja um esforço para se atingir essa meta difícil. Entretanto, mesmo não sendo fácil, o importante é que se está buscando, que se está tentando...

É um sonho pensar que a educação é a alavanca de transformação social, mas, também, é um equívoco pensar que a transformação social se dá sem educação.

As mudanças educacionais viáveis, hoje, serão os elementos reforçadores de mudanças sociais no amanhã.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHIAVENATO, J.J. *O negro no Brasil: da senzala à Guerra do Paraguai*. São Paulo, Brasiliense, 1980.
- DUARTE, L.M.S. *Isto não se aprende na escola*. Petrópolis, Vozes, 1983.
- FERNANDES, F. *A integração do negro à sociedade de classes*. 3. ed. São Paulo, Ática, 1978.
- FREIRE, P. *Conscientização*. São Paulo, Cortez & Moraes, 1979.
- FREITAS, D. *Palmares a guerra dos escravos*. Rio de Janeiro, Graal, 1978.
- GONÇALVES, L.A. de O. *O silêncio: um ritual pedagógico a favor da discriminação racial; estudo acerca da discriminação racial como fator de seletividade na escola pública de 1º grau*. Belo Horizonte, 1985. Dissert. (Mest.) UFMG.
- LIMA, L.L. da G. *Rebeldia negra e abolicionismo*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1981.
- NIDELCOFF, M.T. *Uma escola para o povo*. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- RODRIGUES, F. (Pe.). *A criança negra e a catequese*. Porto Alegre, 1984. (mimeo) [Apresentado no I Encontro Nacional sobre a Realidade do Negro na Educação, promoção da Sociedade Floresta Aurora, em Porto Alegre].
- SANTOS, J.R. dos. *O que é racismo?* 6 ed. São Paulo, Brasiliense, 1984.